

A manifestação do sagrado na narrativa épica da *Teogonia*

The manifestation of the sacred in the epic narrative of the theogony

Idelbrando Alves de Lima¹

Resumo

O mundo sagrado, como oposição constante com o mundo profano, influenciou a vida cotidiana dos homens da Antiguidade. Face ao exposto, o presente artigo trata-se de um breve estudo analítico sobre algumas características da experiência do grego Hesíodo com o sagrado, narradas na obra *Teogonia*. Após realizar uma sucinta teorização a respeito da temática, conceituando alguns termos essenciais para a sua compreensão, o artigo passa a apresentar as principais passagens da vida deste personagem histórico. Por fim, o estudo expõe a análise dos principais aspectos dessa manifestação do sagrado, concluindo que ela foi de fundamental importância para o contexto sócio histórico, no qual Hesíodo estava inserido.

Palavras-chave: Hierofania. Hesíodo. Religião. Literatura.

Abstract

The sacred world, in a constant opposition with the profane world, influenced the daily life of men in the Ancient Times. This article is a brief analytical study on some characteristics of Greek Hesiod's experience with the sacred, narrated in his *Theogony*. After conducting a brief theorizing thinking about the subject we need conceptualizing some essential terms to their understanding. The article try to show some passages of the life of this historical character. Finally, the study exposes the analysis of the main aspects of this manifestation of the sacred, concluding that it get fundamental importance for the socio-historical context in which Hesiod was inserted.

Keywords: Hierophany. Hesiod. Religion. Literature.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Especialista em História do Brasil pela FIP; Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB; Autor do livro: *Religiosidade na Parahyba Colonial: o trabalho da catequese franciscana entre os nativos*. E-mail: del_historia@hotmail.com

1 Introdução

¹ Começemos o cantar das
Musas Heliconíades,
² que têm o grande e divino
monte do Hélicon
³ e, à volta da fonte violeta, com
pés delicados,
⁴ dançam, e à volta do altar do
forte Cronida.
⁵ Lavaram a delicada pele no
Permesseo
⁶ ou na fonte do Cavalo ou no
Olmeio divino,
⁷ no extremo Hélicon fizeram
danças
⁸ belas, desejáveis, e agitaram
os pés.
⁹ De lá movendo-se, cobertas de
muita névoa,
¹⁰ elas, noturnas, caminhavam,
lançando uma belíssima voz
(*TEOGONIA* apud POSSEBON,
2008, p. 28-29).

O presente artigo tem por objetivo fazer um breve estudo analítico sobre algumas características da hierofania vivenciada por Hesíodo, narradas na obra *Teogonia*². O termo hierofania significa a manifestação do sagrado – do grego *hieros* (sagrado) e *fania* (manifestação) – sendo percebida e sentida de forma singular, por aquele que a recebe. Para Mircea Eliade (1992, p. 13), o termo hierofania é:

[...] cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número

considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas.

Segundo Eliade (1993, p. 7, destaque do autor), “todas as definições do fenômeno religioso apresentadas até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas opõe o ‘sagrado’ e a vida religiosa ao ‘profano’ e à vida secular”. Essa experiência com o mundo sacro (vida religiosa), que conforme a afirmativa supracitada de Eliade (1993) está em constante oposição com o mundo profano (vida secular), esteve fortemente presente na vida cotidiana dos seres humanos durante toda a Antiguidade. “O modo religioso é o que dominou os povos da Antiguidade [...]” (POSSEBON, 2008, p. 17).

Personagem histórico, o grego Hesíodo foi um homem que viveu uma intensa experiência com o sagrado, portanto, sendo compreendido dentro do conceito de *homo religiosus* (homem religioso). O homem religioso, de acordo com Rudolf Otto (2007), possui uma disposição natural para viver o sagrado, que “manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’” (ELIADE, 1992, p. 12, destaque do autor), ou seja, superior as suas experiências cotidianas. Conforme Eliade (1992, p. 97):

[...], o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade

² O texto em grego e sua respectiva tradução foram consultados na obra: POSSEBON, Fabricio. **Tô thaumastón**: O Maravilhoso. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008.

absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando o e tornando o real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa, ou seja, participa da realidade. Os deuses criaram o homem e o Mundo, os Heróis civilizadores acabaram a Criação, e a história de todas as obras divinas e semi-divinas (sic) está conservada nos mitos.

A hierofania será recebida pelo homem religioso como uma revelação, na qual a divindade irá transmitir uma mensagem mítico-religiosa, ocorrendo, muitas vezes, um diálogo entre os planos divino e humano, ou seja, entre o mundo dos deuses (imortais) e o mundo dos homens (mortais).

Nessa interlocução entre o divino e o humano pode-se visualizar o irracional, e, conseqüentemente, a produção do maravilhoso, que neste contexto será inteiramente entendido como “[...] o mundo dos deuses, com sua organização e potência, e a comunicação com o mundo humano, sustentada pelo par mito-rito” (POSSEBON, 2008, p. 34).

A respeito desse mesmo assunto, esclarece François Laplantine (2003, p. 30-31): “o maravilhoso é a face noturna da existência, é o universo do sonho e da magia que procedam ambos a transformações e metamorfoses (a alquimia das coisas e dos seres) que seriam absolutamente impossíveis na vida cotidiana”, pois, segundo Massaud Moisés (1995), o maravilhoso é sempre

pensado e associado ao mundo do sobrenatural.

Se pensada de forma pragmática e racional, a vida cotidiana dos homens da Antiguidade nunca permitiria a comunicação entre esses e os deuses, porém esses homens “[...] viviam o sagrado de maneira plena, percebendo os aspectos importantes da sua existência como divindades” (POSSEBON, 2008, p. 20); o que reforça a presença do modo religioso nesse período histórico. Rudolf Otto (2007, p. 180) ratifica que “[...] desde a época da mais primitiva religião sempre se considerou sinal tudo aquilo que conseguisse despertar o sentimento do sagrado no ser humano, estimulá-lo, fazê-lo eclodir, [...]”.

A hierofania trata-se de uma narrativa e todos os acontecimentos e as motivações que ocorrem em torno dela é denominado de mito. Segundo Eliade (2002), é impossível encontrar uma única definição para o termo mito, que seja aceita por todos e capaz de abarcar todos os seus tipos e funções nas sociedades, sejam elas, arcaicas ou tradicionais, pois “[...] o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 2002, p. 11). O mesmo autor prossegue dizendo que:

[...]: o mito conta uma história sagrada; êle (sic) relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo

fabuloso do 'princípio'. Em outros termos (sic), o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: [...]. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles (sic) são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos 'primórdios'. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a 'sobrenaturalidade') (sic) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do 'sobrenatural') no Mundo (ELIADE, 2002, p. 11, destaque do autor).

Complementando as palavras de Eliade (2002), Vavy Pacheco Borges (1993, p. 12, destaque nosso), afirma que o mito é:

[...] sempre uma história com personagens sobrenaturais, os deuses. 'Nos mitos os homens são objetos passivos da ação dos deuses', que são responsáveis pela criação do mundo (cosmos), da natureza, pelo aparecimento dos homens e pelo seu destino. Os mitos contam em geral a história de uma criação, do início de algo. 'É sempre uma história sagrada'.

Essa característica de história sagrada que o mito apresenta torna-se o alicerce das explicações para as coisas existentes no mundo antigo, onde todos os acontecimentos ocorridos na vida dos seres humanos eram respaldados pela ação das divindades, do sobrenatural. De acordo com Borges (1993, p. 12):

[...] é preciso que reconheçamos no mito uma forma de pensamento primitivo, com sua lógica e coerência próprias, não sendo simples invenção ou engodo. O mito tem uma força muito grande no tipo primitivo de sociedade. Ele fornece uma explicação que para os povos que a aceitam é uma verdade.

Corroborando as palavras de Borges, Fabricio Possebon (2008, p. 19) esclarece afirmando que

O mundo, então, é fundamentado no sagrado e todas as coisas podem ser explicadas por meio do elemento transcendental. A prova da veracidade do mito se encontra no próprio mundo, que está aí como testemunho, diante de todos. Não se trata, portanto, nessa concepção de sagrado, de estabelecer uma distinção entre narrativa falsa e verdadeira, o mito é sempre verdadeiro, não há outra explicação para os tempos primordiais.

Sendo assim, para Possebon (2008), não é correto afirmar que os povos da Antiguidade não possuíam a noção do que é falso, porém, em se tratando de uma narrativa mítica, essa sempre seria compreendida e, principalmente, aceita como verdadeira, pois se tratava de uma narração transmitida pelos seres sobrenaturais, *in illo tempore*, no princípio. Torna-se importante ressaltar que o mito, transmitido pelo divino para o humano, será respondido através de um rito, dando continuidade ao mesmo e se submetendo ao sagrado. "Para que o efeito positivo seja mantido e o malefício seja evitado, é necessária a repetição periódica do rito, [...]. Concluindo, a

experiência do sagrado é tanto uma tradição recebida, quanto uma vivência [...]” (POSSEBON, 2008, p. 20).

Tomando por base o pensamento de Eliade (1993), as manifestações do sagrado apresentam dois aspectos: um enquanto hierofania, e outro enquanto momento histórico, pois revelam a situação do homem em relação ao sagrado. Para esse autor, “É sempre numa certa situação histórica que o sagrado se manifesta. Até as experiências místicas mais pessoais e mais transcendentais sofrem a influência do momento histórico” (ELIADE, 1993, p. 9).

2 Quem era Hesíodo?

Mesmo tendo sua biografia escrita na Idade Média por Suidas e Tzetes, a principal fonte de estudo a respeito da vida de Hesíodo é a coleção de poemas a ele atribuídos, como *Teogonia*, *Trabalhos e Dias* e *Escudo*. Essas obras se constituem no melhor meio para se conhecer e reconstituir a história de vida deste personagem histórico.

O beócio Hesíodo viveu na Grécia do Período Arcaico (800 - 500 a. C.) e, juntamente com Homero, é um dos pilares da tradição grega dos períodos posteriores ao Arcaico; porém, quando se trata da datação precisa de sua vida e obra, a história nos deixa uma lacuna, o que nos leva a especular, através dos relatos dos historiadores Tucídides e

Outra característica que se observa na hierofania é o modo como se constituem, ou seja, existem hierofanias com um destino, estritamente local, e outras que têm ou adquirem valores mais universais. Esta e outras características serão observadas e analisadas na referida hierofania.

E para melhor compreender a manifestação do sagrado na vida de Hesíodo, torna-se relevante conhecer um pouco da história desse respectivo personagem, ou melhor dizendo, desse *homo religiosus* (homem religioso).

Plutarco, que Hesíodo teria vivido aproximadamente entre os séculos VIII e VII a. C.

Segundo as poucas, porém valiosas passagens extraídas das obras de Hesíodo, sabe-se que o mesmo era um pastor de ovelhas. Filho de um comerciante falido da cidade de Cuma, na Eólida, que posteriormente se mudou para Beócia. Seu irmão se chamava Perses, com quem travou uma disputa pela herança paterna. Sabe-se também que Hesíodo foi premiado com um trípode (vaso de três pés), que dedicou às Musas do Hélicon, durante os jogos fúnebres do rei Anfídamante de Cálcis, nos quais exerceu a função de aedo ou rapsodo, que equivale a cantor.

3 Hesíodo e a *Teogonia*

A experiência com o sagrado vivida por Hesíodo está relatada na obra *Teogonia*. A palavra teogonia vem do grego – *theós* (deus) e *goné/ gónos* (ação de gerar, germe, raça, família) – e significa nascimento, origem ou genealogia dos deuses. A obra é um poema mitológico de caráter cosmogônico, contendo 1022 versos hexâmetros, que é o metro épico por excelência, no entanto, o presente artigo dará ênfase apenas ao próêmio. “A obra narra como, a partir dos deuses primordiais, os demais surgiram, quer pela divisão de si mesmos, quer pelo casamento (união amorosa) entre eles” (POSSEBON, 2008, p. 23), e faz parte da história grega.

Portanto, o primeiro aspecto encontrado na respectiva hierofania diz respeito ao gênero literário, que pertence ao estilo das narrações épicas. Segundo Salvatore D’Onofrio (2002, p. 115, destaque nosso):

O estilo é solene, a linguagem rebuscada e a composição estrófica, rímica, e a métrica segue cânones rígidos apropriados a esse gênero literário. ‘Outra característica relevante é o recurso ao maravilhho pagão ou cristão: as divindades participam ativamente das ações humanas’, [...].

O segundo aspecto é a atividade profissional e o local onde o personagem viveu sua experiência com o sagrado.

Hesíodo era um pastor de ovelhas e

estava num monte, considerado sagrado. Conforme os versos 22 e 23 ratificam: “22 Elas, certa vez, ensinaram um belo canto a Hesíodo, 23 quando pastoreava ovelhas, sob o divino Hélicon” (*TEOGONIA apud POSSEBON*, 2008, p. 29). A partir da hierofania, Hesíodo tornou-se um pastor-aedo, passando a cantar a origem dos deuses. Jaa Torrano (1995, p. 11) elucida a importância que o aedo representava para a comunidade agrícola e pastoril da Grécia antiga:

Nesta comunidade agrícola e pastoril anterior à constituição da *polis* e à adoção do alfabeto, o aedo (i.e., o poeta-cantor) representa o máximo poder da tecnologia de comunicação. Toda a visão de mundo e consciência de sua própria história (sagrada e/ou exemplar) é, para este grupo social, conservada e transmitida pelo canto do poeta. É através da audição deste canto que o homem comum podia romper os restritos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes.

É possível observar, também, que a manifestação do sagrado não ocorreu em qualquer local. Segundo Eliade (1992), o homem religioso não considera o espaço homogêneo, pois o mesmo apresenta áreas qualitativamente diferenciadas umas das outras, ou seja,

existe “[...] um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos” (ELIADE, 1992, p. 17, destaque do autor); essa diferença espacial, de acordo com o mesmo autor, reflete uma oposição entre o espaço sagrado, que seria o único e o real, e o espaço profano, que corresponde ao espaço restante. É importante destacar que para as manifestações profanas o espaço é sempre considerado homogêneo e neutro.

Na respectiva manifestação do sagrado, percebe-se a comunicação (diálogo) entre os dois planos, o divino e o humano. A revelação do sagrado foi proferida, para Hesíodo, pelas nove Musas Heliconíades ou Heliconas (Cleio, Euterpe, Talia, Melpomene, Terpsicore, Erato, Polímia, Urânia e Calíope), filhas da deusa Memória e de Zeus. Como demonstra os versos 24 e 25: “24 Primeiro, narraram-me um mito as deusas, 25 Musas Olímpicas, jovens de Zeus porta-égide” (*TEOGONIA apud POSSEBON*, 2008, p. 29).

O poeta, portanto, tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (*Mnemosyne*) através das palavras cantadas (Musas). Fecundada por Zeus Pai, que no panteão hesiódico encarna a Justiça e a Soberania supremas, a Memória gera e dá à luz as Palavras Cantadas, que na língua

de Hesíodo se dizem Musas (TORRANO, 1995, p. 11).

Na passagem hierofônica abaixo, pode-se perceber que o homem religioso, passou a portar um objeto sacralizado. Hesíodo recebeu das Musas um cetro, que simbolizava no passado o poder da voz ou portador da voz. Observemos o acontecimento narrado entre os versos 29 e 32 que se segue:

- 29 Assim disseram as jovens do
grande Zeus, sinceras,
30 e deram-me um cetro de
fértil loureiro, ramo
31 admirável colheram;
sopraram-me uma voz
inspirada
32 para que eu glorificasse as
coisas futuras e as passadas.
(*TEOGONIA apud POSSEBON*, 2008, p. 30).

É importante destacar que o objeto em questão, também, apresenta um contexto histórico e social para o povo grego. O cetro citado na hierofania era um objeto usado pelos reis, sendo utilizado por eles nas reuniões com outros monarcas, designando, desta forma, o portador da voz, o que bem caracteriza o papel de aedo, que Hesíodo passou a exercer. Torrano (1995, p. 11-12) confirma esse papel, ressaltando que:

O aedo (Hesíodo) se põe ao lado e por vezes acima dos *basileis* (reis), nobres locais que detinham o poder de conservar e interpretar as fórmulas pré-jurídicas não-escritas e administrar a justiça entre querelantes e que encarnavam a autoridade mais alta entre os homens. Esta extrema importância que se confere ao poeta e à poesia repousa em parte no fato de o poeta ser,

dentro das perspectivas de uma cultura oral, um cultor da Memória (no sentido religioso e no da eficiência prática), e em parte no imenso poder que os povos ágrafos sentem na força da palavra [...]. Este poder da força da palavra se instaura por uma relação quase mágica entre o nome e a coisa nomeada, pela qual o nome traz consigo, uma vez pronunciado, a presença da própria coisa.

Outra característica que se pode notar na revelação do sagrado vivida por Hesíodo é o fato de que o divino, ao transmitir a mensagem mítico-religiosa, menciona a presença, permanente, do mundo sacro na origem e na vida dos homens. Com Hesíodo, as Musas vão relatar o panteão dos deuses gregos, que, conseqüentemente, dão vida aos homens, aos mortais, o que explícita o domínio dos deuses sobre os humanos. Conforme é relatado entre os versos 9 a 21:

9 De lá movendo-se, cobertas de
muitas névoa,
10 elas, noturnas, caminhavam,
lançando uma belíssima voz,
11 cantando Zeus porta-égide e a
rainha Hera
12 Argiva, com douradas
sandálias calçadas,
13 e a jovem de Zeus porta-
égide, Atenas de olhos
refulgentes,
14 e Febo Apolo e Ártemis lança-
flechas,
15 e Posídon bate-terra, treme-
terra,
16 e Témis pudica e Afrodite de
olhos girantes,
17 e Hebe, coroada de ouro, e a
bela Dione,
18 e Leto e Jápeto e Cronos de
mente curva,
19 e Aurora e o grande Hélio e a
radiante Selene,
20 e a Terra e o grande Oceano e
a Noite negra,

21 e a raça sagrada de todos os
imortais sempre existentes
(*TEOGONIA apud POSSEBON,*
2008, p. 29).

No caso de Hesíodo, as Musas o transformaram em um aedo, que cantaria o mesmo canto presidido por elas no Olimpo, ou seja, a origem dos deuses e o estabelecimento do reino e da glória de Zeus. Essas finalidades a que nos referimos é o que justifica o fato da hierofania de Hesíodo ser narrada na obra *Teogonia*, que justamente narra à origem dos deuses. Como mostra os versos de 31 a 34:

31 sopraram-me uma voz
inspirada
32 para que eu glorificasse as
coisas futuras e as passadas.
33 Incitavam-me a cantar a raça
dos sempre existentes deuses
34 e a sempre cantá-las, a elas
mesmas, primeiro e por
último. (*TEOGONIA apud*
POSSEBON, 2008, p. 30).

Outro fato que se observa na hierofania é o seu destino, pois segundo Eliade (1993, p. 9) “[...] algumas hierofanias têm um destino local; há outras que têm, ou adquirem, valores universais”. No caso da hierofania de Hesíodo, ela permaneceu restrita ao local, ou seja, ao contexto histórico da Grécia antiga. Eliade (1993, p. 10, destaque do autor) diz que:

De onde se conclui que certas hierofanias ([...]) são ou tornam-se assim multivalentes ou universalistas; outras permanecem locais e ‘históricas’: inacessíveis às outras culturas, caíram em desuso durante a própria história da sociedade em que se tinham produzido.

Para finalizarmos, é importante destacar que o personagem da hierofania também vai apresentar um contexto sociopolítico, cultural e religioso. Hesíodo fez parte da Grécia do período Arcaico, que desenvolveu a democracia e que tinha uma religião politeísta e uma cultura diversificada, devido às ações e as influências de diferentes povos. “A poesia de Hesíodo é

arcaica e, a meu ver, só podemos apreciá-la em sua plenitude e vigor se estivermos atentos ao sentido em que ela o é e às suas implicações” (TORRANO, 1995, p. 10). E, apesar, de ser uma hierofania de destino local, a obra *Teogonia* chegou aos tempos modernos, como uma referência religiosa e de produção literária da antiguidade grega.

7 Considerações finais

Mircea Eliade (1993) tece um comentário a respeito da hierofania que é muito interessante. Ele diz que a manifestação do sagrado não se resume num momento único e impossível de se repetir, pois “[...] as grandes experiências não se assemelham somente pelo seu conteúdo, mas frequentemente também pela sua expressão” (ELIADE, 1993, p. 9).

O grego Hesíodo foi verdadeiramente um *homo religiosus* (homem religioso), que viveu dentro de um mundo imergido de sacralidade. Em virtude disso, a sua disposição em viver o sagrado era aberta e extremamente

intensa. Atribuindo a Hesíodo a característica de um herói épico, pode-se dizer que ele era um “[...] ser híbrido pois humano dotado de prerrogativas divinas, representa o elo de ligação entre o humano e o divino, [...]” (D’ONOFRIO, 2002, p. 115).

A manifestação do sagrado experimentada por Hesíodo desempenhou um importante papel em sua respectiva cultura e sociedade, devido à forte presença que o modo religioso exercia no cotidiano dos povos da Antiguidade, em especial, do povo grego.

Referências

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 2. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 1993.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria da narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Tradução: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução: Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

LIMA, Idelbrando Alves de. Encontros e desencontros nas hierofanias de Moisés e Hesíodo. In: POSSEBON, Fabricio (Org.). **Os mitos e suas abordagens**. João Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2008.

LAPLANTINE, François. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1995.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

POSSEBON, Fabricio. **Tò thaumastón: O Maravilhoso**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB/ Zarinha Centro de Cultura, 2008.

Artigo recebido em 28 de outubro de 2014.
Aceito em 17 de dezembro de 2014.